

EDILSON RIBEIRO ALVES FILHO, EMANUEL LUCAS OLIVEIRA PORTO, RAQUEL GOMES VALADARES
E PHILIPPE DO PRADO SANTOS

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Edilson Ribeiro Alves Filho

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Especialista em Design de Interiores, Conforto Ambiental e Luminotécnica Aplicada pela FAMEESP.

Bachelor degree in Architecture and urbanism from Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Professor of the architecture and urbanism course at Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Master degree in Genetics and Molecular Biology from Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Interior Design, environmental comfort and applied lighting technology specialist.

Licenciado en Arquitectura y Urbanismo por la Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Profesor de la carrera de Arquitectura y Urbanismo de la Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). Máster en Genética y Biología Molecular por la Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Especialista en Diseño de Interiores, Conforto Ambiental e Iluminación Aplicada por FAMEESP.

edilson@fainor.com.br

Emanuel Lucas Oliveira Porto

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR).

Bachelor degree in Architecture and Urbanism from Faculdade Independente do Nordeste. (FAINOR).

Licenciado en Arquitectura y Urbanismo por la Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR).

e.lucasporto@gmail.com

Raquel Gomes Valadares

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU/USP, área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa (DAU-UFV), linha de pesquisa Planejamento Urbano Regional. Mestranda

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política pela Universidade Federal da Bahia – PPGCP/UFBA. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Ciências Sociais (Ênfase em Ciência Política, Antropologia e Sociologia). Graduada em Direito pela UESB, advogada inscrita na OAB/Ba 29.079. Docente nos cursos de: Direito; Psicologia e Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR.

PhD in Architecture and Urbanism from the Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU/USP, area of concentration: Theory and History of Architecture and Urbanism. Master in Architecture and Urbanism from the Departamento de Arquitetura e Urbanismo of Universidade Federal de Viçosa (DAU-UFV), research line Regional Urban Planning. Master's student in the Postgraduate Program in Political Science at the Universidade Federal da Bahia – PPGCP/UFBA. Specialist in Municipal Public Management from the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduated in Social Sciences (Emphasis on Political Science, Anthropology and Sociology). Graduated in Law from UESB, lawyer registered with the OAB/Ba 29.079. Professor in the courses of: Law; Psychology and Architecture and Urbanism at the Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR.

Doctor en Arquitectura y Urbanismo por el Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU/USP, área de concentración: Teoría e Historia de la Arquitectura y Urbanismo. Máster en Arquitectura y Urbanismo por el Departamento de Arquitetura e Urbanismo of Universidade Federal de Viçosa (DAU-UFV), línea de investigación Planificación Urbana Regional. Estudiante de maestría en el Programa de Postgrado en Ciencia Política de la Universidade Federal da Bahia – PPGCP/UFBA. Especialista en Gestión Pública Municipal por la Universidade Estadual do Sudoeste de Bahia (UESB). Licenciada en Ciências Sociais (Ênfasis en Ciências Políticas, Antropología y Sociología). Licenciado en Derecho por la UESB, abogado inscrito en OAB/Ba 29.079. Profesor en las siguientes asignaturas: Derecho; Psicología y Arquitetura y Urbanismo en la Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR.

raquel@fainor.com.br

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Philippe do Prado Santos

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Nível de Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGEn/UESB. Pós-graduado em Gestão de Obras na Construção Civil. Graduado em Engenharia Civil, Administração, Arquitetura e Urbanismo. Licenciado em Pedagogia. Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Independente do Nordeste.

Master Student at the Programa de Pós-graduação em Nível de Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGEn/UESB. Postgraduate in Construction Management. Bachelor degree in Civil Engineering, Administration, Architecture and Urbanism. Licentiate degree in pedagogy. Professor of the architecture and urbanism course at Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR).

Estudiante de maestría en el Programa de Pós-graduação em Nível de Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGEn/UESB. Postgrado en Gestión de la Construcción Civil. Licenciado en Ingeniería Civil, Administración, Arquitectura y Urbanismo. Licenciada en Pedagogía. Profesor de Arquitectura y Urbanismo en Faculdade Independente do Nordeste.

philipe.prado@hotmail.com

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Resumo

O presente artigo tem por objetivo investigar as influências do nominalismo, uma corrente filosófica escolástica do século XIV, sobre a arquitetura modernista, propondo uma intersecção entre filosofia e arquitetura. A filosofia, ao longo dos séculos, tem tido um impacto significativo, ainda que muitas vezes velado, na vida cotidiana, e, mais especificamente, nas artes e nas construções humanas. A pesquisa apresentada é uma revisão bibliográfica exploratória que busca compreender como o nominalismo, ao questionar a existência de universais e destacar o cognoscente como fonte de conhecimento, influenciou as transformações estéticas promovidas pelos arquitetos e artistas modernistas no início do século XX. De modo especial, o estudo se concentra nas mudanças promovidas pelo modernismo arquitetônico, um movimento que buscou romper com as tradições estéticas e construtivas do passado. Foi possível identificar que elementos como a simplificação das formas, a ausência de ornamentos e a padronização das construções — características marcantes da arquitetura modernista — possuem um respaldo nas ideias nominalistas e, conseqüentemente, nas teorias estéticas modernas. Esses aspectos estéticos se alinham com o princípio filosófico nominalista de rejeição às essências universais e ênfase no indivíduo e no particular. O artigo, portanto, além de explorar essa influência específica, tem como intuito promover um diálogo interdisciplinar entre filosofia e arquitetura, destacando como a filosofia pode servir como uma base conceitual para a compreensão das mudanças arquitetônicas. Dessa forma, o trabalho busca não apenas ampliar o entendimento sobre o modernismo, mas também demonstrar como a filosofia pode ser uma ferramenta analítica valiosa para a crítica e interpretação arquitetônica.

Palavras-chave: Filosofia. Modernismo. Arquitetura. Estética arquitetônica. História crítica.

Abstract

This article aims to investigate the influences of nominalism, a scholastic philosophical movement from the 14th century, on modernist architecture, proposing an intersection between philosophy and architecture. Philosophy, over the centuries, has had a significant, albeit often veiled, impact on everyday life and, more specifically, on the arts and human constructions. The research presented is an exploratory bibliographic review that seeks to understand how nominalism, by questioning the existence of universals and highlighting the cognizant as the source of knowledge, influenced the aesthetic transformations promoted by modernist architects and artists in the early 20th century. In particular, the study focuses on the changes promoted by modernism, a movement that sought to break with the aesthetic and constructive traditions of the past. It was possible to identify that elements such as the simplification of forms, the absence of ornaments and the standardization of buildings — striking characteristics of modernist architecture — have support in nominalist ideas and, consequently, in modern aesthetic theories. These aesthetic aspects align with the nominalist philosophical principle of rejecting universal essences and emphasizing the individual. The article, therefore, in addition to exploring this specific influence, aims to promote an interdisciplinary dialogue between philosophy and architecture, highlighting how philosophy can serve as a conceptual basis for understanding architectural changes. In this way, the work seeks not only to broaden the understanding of modernism, but also to demonstrate how philosophy can be a valuable analytical tool for architectural criticism and interpretation.

Keywords: Philosophy. Modernism. Architecture. Architectural Aesthetic. Critical History.

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo investigar las influencias del nominalismo, una corriente filosófica escolástica del siglo XIV, en la arquitectura modernista, proponiendo una intersección entre filosofía y arquitectura. A lo largo de los siglos, la filosofía ha tenido un impacto significativo, aunque muchas veces velado, en la vida cotidiana y, más específicamente, en las artes y las construcciones humanas. La investigación presentada es una revisión bibliográfica exploratoria que busca comprender cómo el nominalismo, al cuestionar la existencia de los universales y destacar al cognoscente como fuente de conocimiento, influyó en las transformaciones estéticas promovidas por arquitectos y artistas modernistas a principios del siglo XX. En particular, el estudio se centra en los cambios promovidos por el modernismo arquitectónico, un movimiento que buscó romper con las tradiciones estéticas y constructivas del pasado. Se ha podido identificar que elementos como la simplificación de las formas, la ausencia de ornamentos y la estandarización de las construcciones —características distintivas de la arquitectura modernista— tienen un respaldo en las ideas nominalistas y, consecuentemente, en las teorías estéticas modernas. Estos aspectos estéticos se alinean con el principio filosófico nominalista de rechazo a las esencias universales y énfasis en el individuo y lo particular. El artículo, por lo tanto, además de explorar esta influencia específica, tiene como propósito promover un diálogo interdisciplinario entre filosofía y arquitectura, destacando cómo la filosofía puede servir como una base conceptual para la comprensión de los cambios arquitectónicos. De esta manera, el trabajo busca no solo ampliar el entendimiento sobre el modernismo, sino también demostrar cómo la filosofía puede ser una herramienta analítica valiosa para la crítica e interpretación arquitectónica.

Palabras clave: Filosofía. Modernismo. Arquitectura. Estética arquitectónica. Historia crítica.

Introdução

O movimento arquitetônico conhecido como “modernismo” foi, na ótica de Gropius e Le Corbusier, dois expoentes da arquitetura modernista, uma ruptura com a sociedade anterior (Cavalcanti, 1999) ocorrida no início do século XX. Este movimento buscava, a partir das culturas de vanguarda, criar uma nova linguagem arquitetônica que refletisse os valores e o avanço tecnológico da era moderna. Estes ocorriam com maior rapidez desde 1890 e recolocaram em movimento a teoria e prática da arquitetura (Benevolo, 2001). Seu objetivo era criar um estilo internacional padronizado, ideal, utilizando-se da substituição dos processos artesanais pelos industriais, ocasionando na sua principal característica: a simplificação das formas e eliminação do ornamento (Cavalcanti, 1999).

Em contrapartida, o nominalismo foi um movimento filosófico que surgiu no século XIV com Guilherme de Ockham (1287-1347), dentro da filosofia escolástica. A essência desse pensamento era negar o realismo aristotélico-tomista, pregando um ideal de simplificação e clarificação sobre a questão epistemológica dos universais (Corção, 1967). Tal pensamento de Ockham influenciou amplamente a filosofia moderna, de modo que a “diminuiríamos toda [...] se pretendêssemos tirá-la inteira, por dedução lógica, do nominalismo de Occam.” (Marechal, 1927 apud Corção, 1967, p.22). Dessa forma, com o advento da filosofia moderna, no século XV, alguns conceitos passaram a ser relativizados, dentre eles a beleza.

O belo enquanto realidade objetiva deixa de ser um aspecto importante também no modernismo arquitetônico, cedendo espaço para a supervalorização do “conceito” e da “ideia” do arquiteto (ou artista), em detrimento de padrões estéticos claros baseados em proporções geométricas. Característica facilmente identificável nos movimentos artísticos de vanguarda como o dadaísmo de Marcel Duchamp (1887-1968).

Assim, a investigação dos impactos do nominalismo na arquitetura modernista é fundamental para entender como filosofias aparentemente distantes no tempo podem ter impactos profundos e duradouros na cultura material e na estética. Esta pesquisa, portanto, oferece *insights* para a compreensão da maneira moderna e contemporânea de se fazer arquitetura, bem como aproxima a conexão entre a Arquitetura e Filosofia.

De maneira geral, este artigo objetiva investigar as implicações do nominalismo de Guilherme de Ockham (1287-1347) no pensamento e na estética da arquitetura modernista, com ênfase na simplificação, redução de elementos e na transformação do conceito de beleza no movimento do século XX. Para este fim, se dedicará a: a) Conceituar o nominalismo e analisar seus impactos culturais ao longo dos séculos; b) Relacionar as ideias nominalistas com a prática arquitetônica modernista; e c) Explorar os diferentes conceitos de beleza e de que forma ela se desprende da arquitetura modernista. Nesse contexto, a presente pesquisa visa responder o seguinte problema: de que forma o nominalismo de Guilherme de Ockham (1287-1347), uma corrente filosófica que nega a existência de entidades universais, ou essências, através do relativismo, influenciou os princípios estéticos e as práticas arquitetônicas do modernismo, levando a uma redefinição do conceito de beleza?

Conceituação do Nominalismo e análise através dos séculos

Para que seja viável a compreensão daquilo que de fato significa nominalismo, antes é preciso entender dois de seus aspectos: o ramo da filosofia em que está inserido e a sua oposição ao realismo aristotélico-tomista.

O nominalismo é uma corrente filosófica do ramo da epistemologia, isto é, o “conjunto de conhecimentos sobre a origem, a natureza, as etapas e os limites do conhecimento humano; teoria do conhecimento” (Michaelis, 2015). Assim, a filosofia nominalista está diretamente atrelada ao ramo do conhecimento que estuda o próprio conhecimento, mais especificamente, estudando sua raiz, buscando explicar como, o que e se o ser humano é capaz de conhecer.

O Realismo Aristotélico-Tomista Vigente

A tese epistemológica predominantemente ensinada nas universidades europeias até a eclosão do nominalismo era o realismo aristotélico-tomista. Nesta tese, Santo Tomás de Aquino busca apresentar sua teoria do conhecimento em três colunas que custaram “até lágrimas de um santo” (Corção, 1967, p. 26). Ainda de acordo com Corção, para Santo Tomás:

1.º - O conhecimento é uma união entre cognoscente [o que conhece] e conhecido, mais íntima do que todas as uniões conhecidas, e sem produção de um tertius quid [terceiro ente].[...] 2.º - O homem conhece as coisas por sua essência, pelo que é, graças a um processo abstrativo que parte da experiência, serve-se dos sentidos, e daí evolui até a elaboração do conceito, no qual a inteligência vê a coisa conhecida. [...] 3.º - O conhecimento humano atinge diretamente o objeto mais proporcionado ao seu nível ontológico. Esse objeto é a essência ou quiddidade, do ser sensível obtida por abstração, dita do primeiro grau (Corção, 1967, p. 26).

Pode-se afirmar, portanto, que, na análise tomista, o processo do conhecimento envolve a união entre cognoscente e conhecido, sem produzir nenhum composto. Logo, se houve uma união, “é porque o sujeito tornou-se o objeto” (Corção, 1967, p. 27). Desta forma o conhecimento existe de duas formas: no ser em si, e no outro que a conhece (Corção, 1967).

Ademais, é importante destacar da noção tomista do conhecimento o conceito de essência. Na filosofia de Tomás de Aquino a essência significa “algo comum a todas as naturezas, pelas quais os diversos entes são colocados em diversos gêneros e espécies, assim como a humanidade é a essência do homem [...]” (Aquino, 1995, p. 14). Assim, pode-se afirmar que, conforme o 2º ponto do realismo, o homem conhece as coisas por aquilo que as fazem ser o que são, “pelo o que algo tem o ser algo” (Aquino, 1995, p. 15). E esta é, conforme o terceiro ponto, a primeira e mais básica forma de conhecimento: a abstração do primeiro grau, da qual dependem todas as outras formas de conhecimento e que, sem ter passado pelos sentidos, não pode chegar à inteligência (Corção, 1967).

A partir dessa abstração, a inteligência (intelecto agente) tem o papel de iluminar o objeto, transformando em ato aquilo que só era conhecido em potência. Em seguida cabe ao *Intellectus possibilis*¹ a maturação desse conhecimento em ato, dando forma ao que o autor chama de conceito ou verbo mental (Corção, 1967).

Pode-se dizer, portanto, de forma sintética, que são dois os meios com os quais o ser humano conhece: através da experiência sensível (que é a forma mais básica, com a qual também os animais podem conhecer) e através da razão, que ilumina o objeto e transforma em ato o que era apenas conhecido em potência. O objeto, a partir daí, existe em si próprio e também no cognoscente.

Mas há uma noção importante para se compreender a diferença entre realismo e nominalismo, que se relaciona a essa existência no cognoscente. O universal existe no ser das coisas. A essência é parte da natureza do objeto, mas é somente no cognoscente que a essência existe em estado de universalidade (Corção, 1967), visto que somente o cognoscente pode abstrair tal essência, transformando-a, por meio do intelecto, no conceito. “O universal, objeto da inteligência, é mais, quanto ao conhecer, do que o individual [singular] objeto dos sentidos; mas é menos quanto ao existir.” (Corção, 1967, p. 33).

Isso, portanto, implica dizer que o conceito “não é vigário do objeto” (Corção, 1967, p. 34), isto é, não substitui o objeto do conhecimento. “O universal é real” (Corção, 1967, p. 34). Ao contrário do que pensam os nominalistas, para o realismo aristotélico-tomista, o universal não se trata apenas de um conceito elaborado, mas existe e pertence à natureza do objeto.

Nominalismo e Relativismo

É justamente sobre essa questão que é passada a navalha de Ockham. Tomando sua posição na famosa querela dos universais, os nominalistas orgulhosamente dizem: “Non sunt multiplicanda entia sine necessitate” (Corção, 1967, p. 36), isto é, não sejam multiplicados os entes sem necessidade (tradução nossa). Trazendo esse ideal de simplificação, que a princípio parece superar uma elite intelectual pedante, Ockham afirma que, ainda que existam, os universais não podem ser conhecidos pelo homem, separando (ou “navalhando”) a relação entre cognoscente e objeto do conhecimento. Aquele conhecerá apenas o conceito (isto é, o nome), fruto da elaboração mental sobre este (singular).

Enganar-se-ia quem dissesse, como já foi dito, que Occam não é nominalista porque admite a realidade do conceito na mente. Mas o nominalismo, se em alguma proposição se condensa, não é naquela que nega a existência do conceito na mente, e sim na que nega o valor objetivo do conceito (Corção 1967, p. 37).

Mas qual impacto que isso poderia acarretar a civilização ocidental? Como negar a existência dos universais (ou a capacidade humana de conhecê-los), numa corrente filosófica do século XIV pode ter qualquer relevância sete séculos depois? Ao negar que o ser humano é capaz de abstrair os universais dos objetos, Ockham acaba por negar a existência de qualquer verdade. Se não existe nada que, imanente ao objeto, o faça ser o que é, então tudo o que há é produto do intelecto do cognoscente. O

¹ É o intelecto passivo ou potencial, que está em uma condição de poder conhecer, mas ainda não conhece. Ele é o “receptáculo” das formas inteligíveis que o intelecto agente abstrai dos objetos do mundo. Ou seja, o *intellectus possibilis* tem a capacidade de conhecer, mas precisa ser “atualizado” pelo intelecto agente para efetivamente chegar ao conhecimento (Vide ‘Da Alma’ - Aristóteles, Livro III, Cap. 5).

conceito, em Ockham, corresponde ao que existe na realidade extramental, mas não são a mesma coisa, não são iguais.

Aqui se encontra a relação entre nominalismo e relativismo. Se não há verdade no ser das coisas, então a verdade é apenas produto da mente humana ou ainda, em um dos conceitos de relativismo elencados por Dambros, “O relativismo é a posição filosófica que [...] afirma que a realidade poderia ser determinada por nossas descrições” (Sbardolini, 2012, p.66 *apud* Dambros, 2013, p.107).

O relativismo, como posição filosófica, limita o nosso conhecimento e o subordina às condições subjetivas circunstanciais de tempo, de lugar, e de utilidade de quem conhece. Daí, dizer-se que não conhecemos a coisa em si, mas como nos aparece, porque a interpretamos e modificamos, ao conhecê-la (Lorenzoni, 2019, p.43).

É fato que não se pode eleger Ockham como precursor do relativismo ou de suas vertentes (relativismo filosófico, cultural, moral, ético...), visto que já na antiguidade clássica temos evidências de um relativismo incipiente, como, por exemplo, em Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são” (Copleston, 1962, p.108, tradução nossa). Contudo, a conjuntura social da qual provém a filosofia nominalista, a partir da expansão das universidades, oferece melhores condições para que esse pensamento se desenvolva na sociedade, por meio do cientificismo e positivismo.

Guilherme de Ockham (1287-1347), ao tentar o que Corção (1967) chama de esforço “em si mesmo louvável, mas no caso historicamente viciado pelo desejo de novidade pela novidade” (Corção, 1967, p. 36), promoveu uma degradação na filosofia e na sociedade, que já aderiu ao senso comum com a máxima relativista: “Cada um tem a sua verdade” (Lorenzoni, 2019, p.42). Deste modo, se não existem verdades absolutas, também o belo é uma questão de opinião. Não existiria, portanto, no ser algo que o faça ser belo. A beleza seria, no pensamento moderno, apenas um conceito, fruto da mente do artista, mas sem existência na realidade extramental.

O Modernismo Arquitetônico e sua relação com o Nominalismo

Os termos modernismo e modernidade podem ser interpretados de diferentes maneiras ao longo da história. No presente artigo, o termo modernismo foi utilizado em conformidade com o que Lefebvre (1995) define em seu ensaio “o que é modernidade?”. Neste texto, o autor conceitua o modernismo como um fetiche pela novidade, no qual o novo torna-se sinônimo de criatividade e, carregado de exagero, dramatização e propaganda, desemboca numa espécie de terrorismo cultural: “Qualquer um que não o aceita e ousa desafiá-lo, é feito parecer e sentir-se antiquado, ultrapassado e ‘de fora’” (Lefebvre, 1995, p.186, tradução nossa). Por outro lado, a modernidade, na visão do autor, refere-se a um fenômeno histórico e cultural que: “é caracterizado por rupturas e transformações incessantes, onde o efêmero, o transitório e o contingente coexistem com a busca pelo eterno e pelo universal” (Lefebvre, 1995, p.173, tradução nossa).

"Arquitetura ou revolução"

Com a revolução industrial e o avanço de novos métodos de construção, a arquitetura precisou acompanhar as tecnologias do século XVIII e atender às novas demandas trazidas pelo êxodo rural e consequente aumento da população urbana. Mas é apenas no pós-guerra que alguns grupos de arquitetos se movimentam para a construção de uma nova linguagem arquitetônica, rompendo com os padrões estéticos preestabelecidos.

Afetados pelos horrores presenciados nas trincheiras da primeira guerra, quase todos os protagonistas dos movimentos artísticos de vanguarda, vêm a partir dessa experiência a necessidade urgente de mudar os cursos da produção artística de sua época. “Essa [as experiências artísticas destruidoras, motivadas por reação aos acontecimentos bélicos] é a parte mais visível da vanguarda pós-bélica e, para muitos, a quintessência da ‘arte moderna’” (Benevolo, 2001, p.394). Corroborando este fato, Portoghesi (2002) afirma que somente depois dos primeiros anos do pós-guerra a arquitetura modernista começa a se estabelecer, se posicionando como um movimento de equilíbrio. O autor mostra ainda como o movimento modernista se apoia em tal sentimento de tensão pós-bélico mundial, firmando-se como algo de verdadeiro e racional em meio às ditaduras irracionais de um dos períodos mais dramáticos da história da humanidade.

A promessa de uma racionalidade absoluta, de uma conexão sólida e permanente com o desenvolvimento do sistema industrial, torna a alva arquitetura volumétrica dos mestres racionalistas a “substância das coisas desejadas”: o símbolo de um apelo desesperado pela reconversão do mundo a razão e a fraternidade (Portoghesi, 2002, p. 65).

A outra “parte”, menos visível, segundo Benevolo (2001), promove um esforço de justificar racionalmente esse ideal revolucionário, “distinguindo aquilo que deve ser mantido daquilo que deve ser destruído; a arquitetura moderna começa a partir dessa linha” (Benevolo, 2001, p. 394). Segundo o autor, esta seria a parte que possui maior impacto na sociedade contemporânea.

Le Corbusier (1994), justifica o ideal revolucionário a partir da revolução industrial. Esta modifica o tecido social de tal forma que o “animal homem” já não encontra repouso na sua casa, sua “concha de caracol”, que precisaria agora seguir os padrões de industrialização das fábricas para que o homem possa ter uma ligação entre a atividade produtiva na fábrica e a vida familiar. Para tanto, é necessário que a arquitetura mude seus padrões construtivos e, diante das revoluções tecnológicas do concreto e do aço, a arquitetura precisa de uma reformulação radical.

Há uma tal novidade nas formas, nos ritmos, fornecida pelos procedimentos construtivos [...] os estilos não existem mais, os estilos nos são exteriores [...]. Se nos colocamos em face do passado, constatamos que a velha codificação da arquitetura, sobrecarregada de artigos e de regulamentos durante quarenta séculos, cessa de nos interessar; ela não mais nos diz respeito; houve uma revisão dos valores; houve revolução no conceito de arquitetura. (Corbusier, 1994, p. 203).

A Simplificação das Formas

Benevolo (2001) pontua ainda que do tronco do cubismo saem vários movimentos que se propõem a superar a arte da maneira como era feita e ainda exercer a arquitetura. De modo particular, o manifesto do movimento purista, do pintor A. Ozenfant e C. E. Jeanneret (que viria a se tornar Le Corbusier), atribui ao cubismo a façanha da simplificação das formas: “Segundo os dois artistas, o cubismo reconstituiu a capacidade de apreender, no turbilhão de formas confusas e aproximadas do mundo circunstante, as formas simples e ‘puras’, que constituem a fonte primária das sensações estéticas” (Benevolo, 2001, p.394).

A arquitetura moderna se caracteriza principalmente pela ausência de ornamentos (simplificação das formas) e foco na funcionalidade da edificação em detrimento de sua aparência estética. Ou melhor, mediante uma nova ordem estética. Isto fica evidente quando analisamos outros movimentos de vanguarda que possuem influência sobre esse aspecto, a exemplo do suprematismo e do construtivismo que, “possuem em comum o abandono a toda referência imitativa e o desejo de partir do zero – da condição que Malévitch chama de ‘o deserto’” (Benevolo, 2001, p.394).

É fácil notar as semelhanças entre o pensamento dos nominalistas e dos modernistas, nesse princípio de simplificação. Os nominalistas estavam ávidos pela redução de elementos. Numa espécie de minimalismo epistemológico, eliminaram os universais do processo do conhecimento, deixando apenas o singular. De modo semelhante, os modernistas passam a sua navalha nos ornamentos, simplificando as formas, buscando uma revolução dos padrões tradicionais de design; uma nova arquitetura. Todavia, relações mais particulares podem ser notadas na mentalidade de grandes nomes da arquitetura modernista.

Intersecções entre o pensamento modernista e o nominalismo

O contexto do século XIX possui influência sobre atributos da arquitetura modernista, em virtude da industrialização dos processos de fabricação. Essa mentalidade de produção em massa, motivada pela revolução industrial, se reflete nos princípios arquitetônicos estabelecidos por Le Corbusier. O arquiteto defendeu uma padronização da produção arquitetônica, no que ficou conhecido como estilo internacional. Isto é mais evidente a partir da sua concepção de que as casas devem ser construídas em série, como uma máquina: “A grande indústria deve se ocupar da construção e estabelecer em série os elementos da casa. É preciso criar o estado de espírito da série. O estado de espírito de construir casas em série. O estado de espírito de residir em casas em série” (Corbusier, 1994, p.159).

Corbusier (1994) acreditava que a casa deveria seguir a um padrão pré-estabelecido, resultado de um estudo científico metodológico, como se estudaria o comportamento de uma substância química. Desta forma, para o arquiteto, as particularidades de cada pessoa não são importantes no projeto de uma casa. Em sua ótica, tudo seria baseado em experimentação e análise.

O padrão se estabelece sobre bases certas [...] pela análise e pela experimentação. Todos os homens têm o mesmo organismo, mesmas funções. Todos os homens têm as mesmas necessidades. O contrato social que evolui através das idades determina [...] necessidades padronizadas, gerando produtos de uso padronizado. (Corbusier, 1994, p.89).

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Ora, tal pensamento de querer padronizar e elaborar produtos baseando-se na média, já é evidência de impactos do pensamento nominalista. Como deixa claro Corção (1967): “Dizemos que é normal a coisa existente cujo estado cumpre as exigências da sua natureza.”, isto é, a coisa é normal quando atinge, ou tem a potência de atingir, a sua finalidade. Um carro, por exemplo, que não tem a capacidade de locomover-se, não pode ser considerado um carro normal.

Uma vez que o nominalismo ockhamniano defende a incapacidade de se conhecer a natureza (essência) dos seres e, portanto, também a sua finalidade, resta definir o que seria normal por meio da mediana. “Será normal o mais contraditório.” (Corção, 1967, p. 73). Em suma, o ser humano seria incapaz de propor a condição ideal dos seres a não ser pela observação da média da amostragem: “Consideremos a hipótese de um levantamento odontológico para apurar o número médio de dentes cariados de uma população. Imaginemos que o número encontrado seja 7. Devemos concluir que é normal a boca que tem sete dentes cariados?” (Corção, 1967, p. 73)

E, se se pergunte de que maneira essa filosofia pode ter chegado nas mentes dos arquitetos do século XX, Corção (1967) faz questão de deixar evidente o pensamento do positivista, Durkheim: “um fato social é normal para um tipo social determinado [...] quando se produz na **média** das sociedades dessa espécie, consideradas na fase correspondente de sua evolução” (Durkheim, 2004, p.94, grifo nosso).

Outra semelhança consiste na adesão ao relativismo pela supervalorização do conceito. O modernismo deixa de construir edificações que atendam às necessidades objetivas para exprimir um conceito, priorizando ideais subjetivos aos objetivos. Segundo Portoghesi (2002), essa forma de pensar atribui à arquitetura uma conotação “metafísica”, distinguindo da produção humana aquilo que seria uma construção consciente, isto é, limitando a arquitetura somente àquilo que foi pensado: “A arquitetura passou a ser vista [...] como uma espécie de marca que qualifica e distingue os produtos da atividade consciente do homem, os quais [...] resultam de uma mediação intelectual consciente [...]” (Portoghesi, 2002, p. 27).

Esse pseudointelectualismo de conceitos inventados, numa espécie de materialização poética, fica evidente na resposta de Oscar Niemeyer (1907-2012) quando perguntado em entrevista “o que é arquitetura?": “A meu ver, arquitetura é invenção. E, sob esse prisma de compreensão, é que realizo os meus projetos, sempre em busca da beleza, de soluções expressivas, diferentes, capazes de causar surpresa” (Niemeyer, 2011).

Mas o ponto em que a relação com o nominalismo e relativismo fica mais notável é na revolução estética arquitetônica promovida pelo modernismo, e referida no presente artigo como o fim da beleza. Se o relativismo, consequência do nominalismo, prega que não há verdade absoluta, significa dizer que também a beleza não seria um conceito absoluto, mas sim relativo aos gostos, experiências e preferência de cada um. E, portanto, a promoção desse ideal de arquitetura nova, desprendido dos padrões tradicionais, pregado pela arquitetura modernista evidencia um relativismo latente no ideário de tais revolucionários.

A beleza e a Arquitetura Modernista

Breve evolução histórica do conceito de beleza

Na arquitetura modernista é possível observar como a tentativa da quebra de padrões artísticos ocasionou na completa negação da beleza, preocupando-se apenas em supervalorizar a “[...] estética do engenheiro, a utopia social, a universalização e a planificação, se expressando através da composição rígida, geométrica e purista.” (Scheeren, 2012, p.104).

No entanto, a conceituação do que define a beleza é algo discutido ao longo da história. Eco (2004) defende uma posição de que o conceito de beleza evoluiu através dos séculos. Segundo o autor, na Grécia antiga, o conceito de beleza estaria relacionado àquilo que agrada os sentidos, em especial a visão e a audição. Mas, de acordo com Eco (2004), é somente após a ascensão de Atenas como poder militar e cultural que começa-se o desenvolvimento de uma teoria estética incipiente. Em Platão, por exemplo, a beleza pode ser vista como resultado de harmonia e proporção ou como esplendor: “Para Platão, a Beleza tem uma existência autônoma, distinta do suporte físico que acidentalmente a exprime; ela não está, portanto, vinculada a este ou àquele objeto físico, mas resplandece em toda parte” (Eco, 2004, p.30).

Este pensamento possui forte influência na Idade Média com os neoplatônicos e também em Santo Tomás de Aquino. Este, na Suma Teológica, define a beleza como algo que possui três condições básicas: “Primeiro, a **integridade** ou perfeição: as coisas diminutas por isso mesmo são feias. Depois, as proporções requeridas ou **harmonia**. Finalmente, o **esplendor**: as coisas que têm nitidez de cores, dizemos que são belas” (Aquino, 2009, grifo nosso). Isto é, de maneira objetiva aquilo que é belo precisa ser íntegro - ou seja, completo no seu ser - proporcional - consonância entre as partes, formando um todo - e claro, ou entendível. “Integridade porque a inteligência ama o ser, proporção porque a inteligência ama a ordem e ama a unidade, enfim e sobretudo brilho ou clareza, porque a inteligência ama a luz e a inteligibilidade” (Maritain, 1945, p.40, tradução nossa).

No renascimento a ideia de beleza estaria associada a uma “Grande Teoria”, segundo a qual – diz Eco (2004) – a beleza consiste na proporção das partes. Todavia, essa tese vai se modificando ao longo do período. Possuindo uma característica dinâmica, as diferentes fases do renascimento contribuem para o desenvolvimento conceitual do belo: “O tema da Graça, ligado àquele da Beleza - ‘a beleza nada mais é que uma graça que nasce da proporção e conveniência, e de harmonia entre as coisas’, escreve Bembo –, abre caminho para concessões subjetivas e particulares do Belo” (Eco, 2004, p. 216).

A questão da beleza na modernidade: o início do fim

A partir do século XVIII, a beleza toma uma posição de destaque, posto que se inicia o desenvolvimento do estudo da estética como disciplina moderna. O primeiro uso do termo estética, nesse sentido, é no livro “Aesthetica” (1750) de Alexander Gottlieb Baumgarten: “‘Aísthesis’ traz o significado de ‘faculdade de percepção pelos sentidos’. Para Baumgarten, a estética era o estudo da sensibilidade como um tipo específico de cognição, a cognição de coisas particulares, em vez de conceitos abstratos” (Herwitz, 2010, p. 28).

Os filósofos deste século, marcado pelo iluminismo e cientificismo, tratam seus objetos de estudo a partir do método da definição essencial, isto é, explicando exatamente o que faz uma coisa ser o que é: “Com uma lista das condições necessárias e suficientes à mão, podemos dizer exatamente o que faz a música ser música, e não outra coisa [...], da beleza, beleza (e não mera atratividade), da arte, arte [...], e assim por diante” (Herwitz, 2010, p.15). Entretanto, o nominalismo de Ockham possui especial influência sobre os pensadores do chamado “século das luzes”, e, embora admitam a existência da essência, acreditam que “O projeto de conhecimento é inatingível e produz ansiedade[...]. Onde existe a pretensão de controle conceitual sobre um objeto (arte, beleza) que não admite tal tipo de controle, a violência é praticada em relação a esse objeto” (Herwitz, 2010, p.15)

Assim sendo, os filósofos modernos consideram sua tarefa desenvolver uma filosofia estética, pois tomam-se por herdeiros de um pensamento que se desenvolveu, segundo Herwitz (2010), desde a Renascença (embora, como vimos, incipiente na Idade Média). O faz, todavia, a partir da perspectiva Ockhamniana de que o sujeito apenas pode conhecer o conceito (nome) fruto da elaboração mental:

“Ela [a tarefa de produzir uma filosofia estética] depende de René Descartes, com sua reversão dos termos da filosofia: a origem de todo o conhecimento está no sujeito humano (a mente cognoscente), e não no estado, nas formas, em um Deus caprichoso, transcendental” (Herwitz, 2010, p.26).

Colocando-se o foco na sensibilidade, a ideia de beleza vai sendo moldada, por meio de Baumgarten, àquela da experiência sensível e particular do indivíduo. Esta concepção abre espaço para que a beleza se torne um conceito cada vez mais subjetivo. Aquilo que, de maneira objetiva, compõe de fato o belo, torna-se, no pensamento de Baumgarten, desimportante e desnecessário, uma vez que apenas os sentimentos individuais são capazes de captar a beleza.

Ao colocar o foco sobre a sensibilidade, Baumgarten não está dizendo que os conceitos podem não estar presentes na base da experiência da beleza. O que ele está dizendo é que eles não são centrais para o que faz dessa experiência o que ela é. A cognição da beleza é de particulares sensíveis, sejam ou não eles personificações de ideias. (Herwitz, 2010, p.30).

O século XVIII muda, portanto, o foco do estudo estético. Considerando que a experiência sensitiva é agora a fundação da concepção do belo, e que, embora exista um conceito objetivo de beleza, buscá-lo só trará ansiedade – visto que não é possível para o homem conhecer a essência das coisas – resta agora estudar este processo de conceber o prazer (Aisthesis) na experiência. Tal processo ficara conhecido como Juízo de Gosto: “Esta é outra das inovações do século XVIII: conceber a própria experiência da beleza como um tipo de juízo, conceber o prazer desfrutado em uma coisa bela como base para um juízo, de fato, o próprio juízo” (Herwitz, 2010, p.31).

A filosofia Estética de Roger Scruton e a arquitetura modernista

A existência da beleza é uma realidade evidente e inquestionável pelos filósofos, sejam eles gregos, escolásticos, modernos ou contemporâneos. Se não por definição *propter quid*, isto é, pelas suas causas, o é por definição *quia*, ou seja, pelos seus efeitos. Isso significa dizer que o ser humano é capaz ao menos de perceber a beleza das coisas e seres no seu cotidiano e experienciar os seus frutos no ser; daí o que os modernos

chamaram juízo de gosto. Essa é a posição de Scruton (2009), defendendo que a beleza “é um valor real e universal ancorado em nossa natureza racional [...]” (Scruton, 2009, p. 12).

Portanto, a máxima romana de que “a beleza está nos olhos de quem vê” não encontra respaldo na realidade, posto que não pode ser o cognoscente a definir o que é belo. “[...] É da natureza dos gostos diferir [...]” (Scruton, 2009, p. 12). Apenas o fato de que o ser humano possui limites claros para aquilo que considera beleza evidencia a inconsistência de tal máxima:

[...] Você diz que a beleza está inteiramente no olhar do observador, que ela não é de modo algum uma coisa objetiva; pois eis uma coisa que eu acho bela: um acidente de auto-móvel na estrada com corpos de criança mutilados e pendurados na porta frontal abalroada. A pessoa dirá que isso é uma piada ruim e suporá que há alguma coisa errada comigo. Aparentemente, existem restrições sobre aquilo que a imaginação humana possa desejar [...] considerar como belo (Herwitz, 2010, p. 34).

Ora, ao limitar a beleza apenas ao juízo de gosto, negligenciando que há nela uma realidade objetiva, os pensadores modernos acabam por negar a existência do belo. Isso porque a noção de belo implica contraste. É necessário que seu oposto, o feio, exista. Se, conforme Descartes, a fonte do conhecimento está no sujeito humano (e portanto também o conhecimento a respeito do belo), e ele difere de sujeito para sujeito, não há critério para afirmar que algo possui beleza, porque o que é belo para um, pode não ser para outro. Em outras palavras, se tudo é belo, então nada é belo e o próprio juízo de gosto acaba perdendo seu sentido: “Ademais [...], como o padrão estabelecido pelo gosto de alguém pode ser utilizado para julgar o gosto de outrem? De que modo podemos alegar que determinado tipo de música é superior [...], quando os juízos comparativos só refletem o gosto daquele que os profere?” (Scruton, 2009, p. 12).

O relativismo presente em tais proposições, que deriva do nominalismo de Ockham, é facilmente observado na austeridade das construções modernistas. Le Corbusier, principal expoente do movimento na arquitetura, ao tratar do assunto justificava-se dizendo que “não temos mais dinheiro para construir monumentos históricos” (Corbusier, 1994, p. 6). Contudo, fica claro que o arquiteto está na realidade propondo um pensamento sobre o belo na arquitetura coerente com a filosofia estética moderna que, baseado nas formas geométricas, busca produzir sensações no observador, independente de quais sejam. Para ele, a arquitetura deve afetar “[...] pela delicadeza ou pela brutalidade, pelo tumulto ou pela serenidade, pela indiferença ou pelo interesse [...]” (Corbusier, 1994, p.7).

Esta relação direta entre a filosofia moderna e a produção artística e arquitetônica modernista é evidenciada por Herwitz (2010). Segundo o autor os movimentos vanguardistas, berço da arquitetura modernista, “[...] giram em torno daqueles que escrevem: poetas, críticos e teóricos” (Herwitz, 2010, p.125) e mais do que isso: a produção artística do modernismo é concentrada na invenção de um novo conceito de arte e, portanto, um novo conceito de beleza.

Um novo gênero, adotado desde o Manifesto Comunista de Marx, invadiu as artes: o manifesto, que anunciava o credo, definia as intenções, dizia o que a nova arte seria, explicava, denunciava com violência, limpava o caminho para o novo. [...] Imagens de apagamentos: apagar o passado, limpar a mesa para a nova arquitetura e para novas pessoas [...]. O teórico era agora um artista, um tipo de filósofo, cientista, sociólogo, crítico literário, jornalista e retórico, tudo isso em um (Herwitz, 2010, p. 124-125).

Destarte, não se trata de destacar o fracasso estético que as obras arquitetônicas modernistas apresentam quando em vista de todos os outros conceitos históricos de beleza aqui expostos. O ponto que o presente artigo busca enfatizar é: o modernismo filosófico e arquitetônico, embora divergentes em tempo e objeto de estudo, concebem a beleza de um modo tal que implica a inexistência, ou no fim, desta. Aliás, esses tais fracassos estéticos são, na arte moderna em geral, “[...] marcas de sucesso, ao mesmo tempo em que a busca pela beleza é vista como fuga da verdadeira tarefa da criação artística: desafiar as ilusões reconfortantes e revelar a vida como ela é.” (Scruton, 2009, p. 150).

Considerações finais

Algumas correntes filosóficas moldaram a civilização ocidental e influenciaram o pensamento de diversas pessoas, em diferentes posições sociais, ao longo dos séculos. Este é o caso do nominalismo, cuja influência na universidade, instituição até então recém-formada, possibilitou que suas consequências chegassem a ser observadas mesmo no presente século. Através da ampla revisão bibliográfica aqui apresentada foi possível compreender do que se trata tal nominalismo, o que ele tem a ver com a arquitetura modernista e principalmente como afetou seus princípios estéticos.

Ademais, é possível observar como, diferentemente do senso comum, os temas filosóficos possuem uma estreita relação com a arquitetura. A filosofia, como desejo humano inato de conhecer as coisas que o cercam, muitas vezes conduz o homem a manifestar de forma concreta suas conclusões. Uma dessas formas de manifestação é a arquitetura.

Finalmente, pode-se concluir que, buscando alcançar um padrão de construção mundial, os modernistas acabam por esquecer que a diversidade de culturas e pensamentos, contribuem para o desenvolvimento arquitetônico. O ser humano tem em si uma evidente preocupação estética e artística desde os primórdios da humanidade que foi eliminada a partir do pós-guerra, da cultura de Vanguarda e da teoria estética moderna, fontes das quais o modernismo arquitetônico bebeu.

Agradecimentos

A condição decaída da alma humana nos levou a uma impossibilidade de fazer o bem, principalmente no que se refere a bens espirituais. Portanto, se há algum bem neste trabalho, material ou espiritual, não foi pelo meu próprio esforço de querer fazer o bem. Foi por Graça divina. A Graça para fazê-lo e Graça para querer fazê-lo. Portanto, a Ele dou graças e dedico este trabalho pois “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

Agradeço à minha família, que me apoiou em todos os momentos da faculdade. Nos bons, nos ruins, nos confusos e nos difíceis. À Lucidalva, minha mãe, Salvador (In Memoriam), meu pai, Maikon, meu irmão e Manuel, meu padrasto. Todos vocês foram importantes para que esse momento se tornasse real.

À minha namorada, Maria Clara, que estava comigo no momento em que eu soube da minha aprovação no PROUNI. Desde então, ouviu todas as minhas reclamações, lamúrias, sonhos, desejos e entusiasmos. Foi ombro amigo quando precisei e motivação quando o cansaço turvava a visão.

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

Aos meus colegas de faculdade e de escritório, com quem dividi as mais diversas experiências. Dos primeiros contatos profissionais às noites mal dormidas nas vésperas de entregas de trabalho. Todos vocês são inspiração para mim. Para o profissional que serei.

Por fim aos meus professores. Obrigado por sempre terem sido solícitos em qualquer situação. Pela vontade de querer que nós fôssemos melhores. Podem não perceber, mas carrego comigo um traço de cada um.

Referências

- AQUINO, Tomás De. **De Ente Et Essentia**. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes. 1995.
- AQUINO, Tomás De. **Suma Teológica** I. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2009.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e Patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 179-189
- COPELSTON, Frederick. **A History Of Philosophy**. Vol II. 1ª Ed, New York: Image Book. 1993.
- CORBUSIER, Le. **Por uma Arquitetura**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1994.
- CORÇÃO, Gustavo. **Dois Amores, Duas Cidades** Vol. II. 1ª Ed. São Paulo: Agir. 1967.
- DAMBROS, Bruno. Do Relativismo. **FUNDAMENTO – Revista de Pesquisa em Filosofia**, Porto Alegre, n. 6, jan–jun - 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/fundamento/article/view/3536/2793>. Acesso em: 3 mai. 2024.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 9ª Ed. Lisboa: Editorial Presença. 2004
- ECO, Umberto. **A História da Beleza**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas. 2002
- HERWITZ, Daniel. **Estética: conceitos chave em filosofia**. 1ª Ed. São Paulo: Artmed. 2010.
- LORENZONI, Aldo Sérgio. Do Relativismo Filosófico e Outros Relativismos. In: **Revista Razão e Fé**, Pelotas, 15(1):5-8, Jan.-Jun./2013. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/1179/822>. Acesso em: 4 mai. 2024.
- LEFEBVRE, Henri. **Introduction to Modernity: Twelve Preludes**, September 1959–May 1961. London; New York: Verso, 1995.
- MARITAIN, Jacques. **Arte y Escolastica**. 1ª Ed. Buenos Aires: La Espiga de Oro. 1945.
- MICHAELIS. Epistemologia. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=p5Mp>. Acesso em: 20 Out 2024.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica E Arte: O Desafio Da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 09-30.

O Nominalismo de Ockham e o Fim da Beleza na Arquitetura Modernista

Ockham's Nominalism and the End of Beauty in Modernist Architecture

El Nominalismo de Ockham y el Fin de la Belleza en la Arquitectura Modernista

NIEMEYER, Oscar. ArchDaily Brasil Entrevista: Oscar Niemeyer. **ArchDaily Brasil**. 15 Dez 2011. Disponível em: <https://abrir.link/VYeHD> Acesso em: 18 Out 2024.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da Arquitetura Moderna**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

SCHEEREN, Rodrigo. O Processo de Abstração Estética e a Crise do Movimento Moderno na Arquitetura. **Existência e Arte. Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João del-Rei – ANO VIII – Número VII – Jan./Dez. de 2012**, p. 94-113. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/O_Processo_de_Abstracao_Estetica_e_a_Crise_do_Movimento_Moderno_na_Arquitetura.pdf. Acesso em: 4 de junho de 2024.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. 1ª Ed. Lisboa: Guerra e Paz. 2009.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvo o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 25/10/2024

Aprovado em 11/02/2025